

**FISCHER, Rodrigo Desider; MATSUMOTO, Roberta Kumasaka.** Visões do teatro a partir do filme *Noite de Estreia*, de John Cassavetes. Brasília-DF: Programa de Pós-Graduação em Arte – Universidade de Brasília (UnB); Doutorando; Orientadora: Roberta Kumasaka Matsumoto; Bolsa CAPES; Ator, Diretor Teatral e Professor de Artes Cênicas. Brasília-DF: Departamento de Artes Cênicas e Programa de Pós-Graduação em Arte – UnB; Professora Adjunta.

## RESUMO

Usando como objeto de análise o filme *Noite de Estreia*, de John Cassavetes, o presente artigo pretende examinar a maneira como o filme dialoga com questões pertinentes ao pensamento teatral contemporâneo. A alma do cinema de Cassavetes encontra-se no trabalho do ator. Com toda sua radicalidade e criatividade de linguagem, seu cinema sempre foi, acima de muitas coisas, um cinema fundamentado na atuação. Para ele, o ator era a força criativa essencial de seus filmes e a beleza de seu cinema se concentrava principalmente nessa ideia. Nesse filme, Cassavetes expõe um problema que não se limita apenas ao cinema, mas ao trabalho do ator em qualquer linguagem artística: Qual a função do ator numa obra? Representar um discurso (texto)? Ou ele pode ser também o produtor de um discurso? Quais os tipos de relação que podem se estabelecer entre o ator e as outras pessoas envolvidas no processo de uma montagem? Essas perguntas conduzirão à produção desse artigo que pretende fazer alguns apontamentos pertinentes para o trabalho do ator e seu discurso em cena.

**Palavras-chave:** John Cassavetes. *Noite de Estreia*. Análise Fílmica. Atuação.

## ABSTRACT

Analyzing the film *Opening Night*, by John Cassavetes this paper intends to examine how the film dialogues with issues related to the contemporary theatrical thinking. The essence of Cassavetes cinema is based on the acting craft. With all its radicality and ingenuity of language, his cinema has always been, above many things a cinema founded on acting. For him, the actor was the essential creative force of his films and the beauty of his cinema concentrates mainly on this idea. In this film, Cassavetes brings up a matter that does not restrict itself only to filming, but to the actor in any artistic language: Which is the actor's role in a piece? Role-play a discourse (text)? Or can he also be the producer of this discourse? What kind of relations can be established among the actor and other people involved in the process of a project? These questions will lead to the production of this paper which intends to make some notes related to the craft of actors and their discourse in act.

**Keywords:** John Cassavetes. *Opening Night*. Film Analysis. Acting.

Ao tentar entender a posição do ator na cena teatral contemporânea é possível observar que sua função dentro do processo criativo de um espetáculo teatral tem adquirido uma nova configuração. Esse ator tem ampliado e reformulado sua interferência enquanto criador, considerando que ele, principalmente a

partir da década de 60, começa a se envolver com questões tanto do texto quanto da encenação de uma peça, ganhando força numa estrutura de criação que privilegia mais horizontalidade e menos hierarquia entre os integrantes de um processo. Basta lembrar das experiências teatrais do Living Theatre<sup>1</sup> que consolidaram um processo de criação a partir do coletivo.

É importante ressaltar que essa abertura, na qual o discurso do ator interfere na criação cênica, começou a ser desenhada ainda com o diretor russo Constantin Stanislavski (2004), que sistematizou uma pesquisa própria para o ator no início do século XX, em que o ator deveria alimentar sua criação com sua vida, seus pensamentos e sua subjetividade. Desde então, muitos pesquisadores têm se inquietado com a arte do ator, implicando assim uma estrutura que permite mais voz e potência para ele dentro da criação cênica. Esse ator recebe atualmente diversas denominações, como “ator-criador”, “ator-pesquisador”, “ator-autor” “ator-compositor”, entre outras. Todas elas diferenciando-se daquele que era responsável apenas por executar as propostas da direção ou por interpretar um texto. A denominação adequada vai de acordo com cada processo e o modo como o ator interfere nele (CARREIRA, 2007).

O ator na contemporaneidade tem ganhado um espaço cada vez maior no processo de criação, e isso contribui não só para o resultado final da obra, mas também possibilita que ela seja, para os atores, mais íntima e pessoal. O discurso de uma peça, quando há interferência direta do ator, pode se tornar mais próximo de quem a assiste. Isto acontece quando o ator se apropria totalmente do discurso, da linguagem e da estética proposta, sendo capaz de expressar com mais intensidade e personalidade. É nesse sentido que o presente artigo deseja dialogar com a proposta do filme *Noite de Estreia* (1977) do diretor norte-americano John Cassavetes<sup>2</sup>.

É possível identificar muitos estudos que dialogam com essa tendência do teatro contemporâneo em fortalecer a autonomia do ator e sua interferência para a criação, porém foi a partir dessa obra cinematográfica de 1977 que podemos compreender com maior amplitude como o ator pode interferir diretamente na ressignificação de um texto teatral e como as relações entre ele, o autor e o diretor podem ser conformadas. A leitura e análise de *Noite de Estreia* permite fazer alguns apontamentos sobre o trabalho do ator na contemporaneidade, e é esse o objetivo do presente artigo.

*Noite de Estreia* possibilita diversas leituras, desde a crise existencial de uma mulher com medo da velhice até a dificuldade de uma atriz em lidar com suas inseguranças e expectativas artísticas, porém todas elas sendo contaminadas

---

<sup>1</sup> Companhia teatral fundada em Nova York em 1947, por Julian Beck e Judith Malina, conhecida principalmente por ser uma das primeiras companhias a se apropriarem da criação coletiva como metodologia de trabalho, na qual todos os integrantes têm poder de voz no processo. Disponível em: <<http://www.livingtheatre.org/>> Acesso em 18 de julho de 2011.

<sup>2</sup> Ator e diretor norte-americano, considerado o pai do cinema independente nos EUA. Nascido em Nova York, Cassavetes estudou interpretação na escola American Academy of Dramatic Arts na mesma cidade e atuou em inúmeros filmes, mas foi seu trabalho como diretor de cinema que o transformou numa importante referência para a linguagem cinematográfica, principalmente quando relacionada ao trabalho do ator.

pelo tema predileto do diretor, o amor ou a falta dele. Para o atual artigo, a leitura do filme será conduzida num sentido mais metalinguístico, tentando delimitar as possíveis interferências do ator dentro de uma obra, seja ela teatral ou cinematográfica, além de problematizar a frágil fronteira ator/ personagem.

O filme conta a história da atriz Myrtle Gordon que passa por uma crise existencial depois de ver uma fã sendo atropelada e morta após sua noite de estreia de um espetáculo teatral. Encontrando-se fragilizada em sua vida, a atriz Myrtle Gordon fragiliza-se também no seu trabalho. Sua crise existencial confunde-se com sua crise criativa. As fronteiras entre a mulher, a atriz e a personagem Virgínia, que Myrtle representa, confundem-se. É nesse contexto que John Cassavetes consegue apontar alguns problemas e algumas propostas para o trabalho do ator e seu processo criativo.

A maior preocupação do cinema de John Cassavetes era a de encontrar vida/amor no trabalho dos atores e captar esses instantes, pois quando concretizados, pulsam poesia e beleza. Os quadros do cinema de Cassavetes são “pintados” com a humanidade de seus atores, libertando-os de qualquer aprisionamento ou engessamento mecânico. Ao considerar o trabalho do ator como a alma de seu cinema, Cassavetes permitiu e insistiu que seus atores interferissem na criação. Para isso, ele usava a improvisação como método que propiciava inclusive que ele reescrevesse seus roteiros depois dos atores improvisarem. Ela servia ainda para que a realidade dos atores viesse ao encontro da ficção das personagens. Para Todd Berliner (1999, p. 14)<sup>3</sup>, “a improvisação em Cassavetes combina realidade e ficção numa mistura descontrolada entre a identidade do ator e a identidade do papel que ele desempenha”.

Com o filme *Noite de Estreia*, as fronteiras entre vida e arte; ator e personagem; realidade e ficção; roteiro e improvisação, são dissolvidas completamente. A própria câmera, na sua exposição, nos confunde se é a atriz Gena Rowlands, a personagem do filme Myrtle Gordon ou a personagem que Myrtle está interpretando, Virgínia. Quando os atores estão improvisando e quando eles estão seguindo o roteiro? Um dos maiores pesquisadores sobre a obra e a vida de Cassavetes, Ray Carney, relata uma situação vivenciada pela atriz Joan Blondell, que estava trabalhando com ele pela primeira vez<sup>4</sup>, durante as filmagens de *Noite de Estreia*:

Certa vez, Blondell disse que não sabia exatamente quando os atores estavam conversando sobre suas vidas privadas e quando eles estavam de fato dizendo suas falas. Ela não saberia dizer quando a cena tinha começado e quando ela tinha parado, o que era vida e o que era filme (CARNEY, 2001, p. 421).

Para Cassavetes, arte e vida são indistinguíveis. Afrouxar essa fronteira contribuía para que os atores se aproximassem e se apropriassem mais do texto, das personagens e da relação entre eles. Em *Noite de Estreia*, tanto no enredo do filme em si quanto em seu processo de criação, são debatidos

---

<sup>3</sup> Todas as traduções deste artigo são de autoria de Rodrigo Fischer.

<sup>4</sup> É importante levar em consideração que John Cassavetes geralmente trabalhava com os mesmos atores e isso contribui para uma relação mais íntima e intensa durante a preparação e as filmagens.

temas pertinentes ao trabalho do ator na contemporaneidade em torno da aproximação ou distanciamento entre o ator e a personagem no âmbito do cinema e do teatro.

Com o filme *Noite de Estreia*, Cassavetes expõe um problema que não se limita ao cinema, mas ao trabalho do ator em qualquer linguagem artística: Qual a função do ator numa obra? Representar um texto? Ou ele pode ser também o produtor de um discurso? No filme, fica claro que Cassavetes não entende o ator apenas como intérprete de um texto, mas como uma pessoa sensível o suficiente para produzir falas ou textos para suas personagens, potencializando o sentido e os significados do espetáculo teatral. Como foi dito, a própria improvisação com os atores, recurso que ele sempre utilizava, servia para Cassavetes reescrever o roteiro. Percebemos que o ator em seus filmes assume a postura de “ator-criador”, considerando que ele interfere na autoria do roteiro. Para André Carreira (2007), o “ator-criador” é aquele que intervém na autoria do texto ou estabelece um diálogo com a encenação.

Além de diretor, Cassavetes era também ator, e isso, sem dúvida interferia no seu olhar de cineasta. Ele privilegiava no *set* de filmagem o trabalho dos atores, enquanto muitos cineastas privilegiam a composição do enquadramento procurando o melhor ângulo, selecionando a melhor tomada. Para Cassavetes, “as pessoas que fazem filmes estão muito preocupadas com problemas técnicos ou mecânicos em vez de se preocuparem com os sentimentos que o filme está propondo” (*apud* CARNEY, 2011, p. 151). Cassavetes repudiava o cinema que deixava o trabalho dos atores em último plano, já que ele fazia o caminho inverso. Ele costumava dizer que “a gente só filma quando os atores estão prontos. Nós somos escravos deles. Filmar consiste apenas em registrar o que eles fazem” (*apud* CARNEY, 2001, p. 151). Essa era a filosofia de seu cinema.

Cassavetes permitia tanta interferência dos atores que no filme *Noite de Estreia* ele usou isso como discurso. A personagem Myrtle, afetada em sua crise pessoal, entende que seu trabalho de atriz também estava frágil. Ela percebe que sua personagem estava engessada e precisando de vida. Em diversos momentos do filme ela diz frases como: “Vamos agitar essa peça para ver se sai algo humano”. Ou ainda: “Faço o que for preciso para que minha personagem seja autêntica”. Cassavetes lutava para que os atores levassem vida para seu cinema e se eles paralisassem, o filme morreria. Era assim que a atriz-personagem Myrtle também se sentia. Próximo ao final do filme, ela implora para que seu parceiro de cena Maurice, interpretado pelo próprio Cassavetes, a ajude. Ela quer renovar sua cena. Ela não aguenta repetir o mesmo texto sempre. Ela quer algo novo. No momento em que ela pediu, Maurice disse que se recusaria a fazer, porém quando chega o momento de apresentar a peça, na cena final do filme, ele faz um jogo de improvisação antológico com ela. A cena foi improvisada durante as filmagens com plateia ao vivo e não com figurantes. Uma plateia com mais de duas mil pessoas assistindo a uma improvisação de John Cassavetes (interpretando Maurice) e sua esposa Gena Rowlands (interpretando Myrtle).

É nesse momento do filme que percebemos claramente que os atores nos filmes de Cassavetes podiam e deviam intervir numa estrutura hierárquica aparentemente rígida entre o ator, o diretor e o dramaturgo/ roteirista. No filme, enquanto Myrtle e Maurice improvisam, a autora da peça Sarah (Joan Blondell) assiste, a princípio contrariada, mas ao final seduzida pela emoção e vida que os atores levaram para a cena. O diretor da peça, Manny (Ben Gazzara) também consegue enxergar como a cena improvisada produziu um novo sentido para o que eles tinham previamente ensaiado.

É nesse sentido que podemos observar como as ideias e os ideais de Cassavetes dialogam com inúmeras inquietações do ator na cena contemporânea, principalmente quando o ator transgredir sua função de interpretar/ representar um texto e se apresenta como produtor de um discurso que pode e deve ser utilizado como material dramático, ideológico ou estético para a cena. Assim, podemos considerar que o filme *Noite de Estreia* reflete inúmeras questões que podem contribuir para os estudos sobre o trabalho do ator.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

### Livros

CARNEY, Ray. **Cassavetes on Cassavetes**. New York: Faber and Faber Inc., 2001.

STANISLAVSKI, Constantin. **A preparação do ator**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.

### Documentos eletrônicos e sites da internet

BERLINER, Todd. Hollywood movie dialogue and the “real realism” of John Cassavetes. *Film Quarterly* vol. 52, número 3, 1999, pp. 2-16. Disponível em <<http://uncw.edu/filmstudies/faculty/documents/Berliner.FQ.pdf>> Acesso em 25 de junho de 2011.

CARREIRA, André; SILVA, Daniel. Ator-criador, ator-autor, ator-encenador... Aspectos da autonomia do ator nas criações do teatro de grupo. *Revista DA Pesquisa*, Santa Catarina, vol. 2, n. 2, ago. 2006/jul. 2007. Disponível em: <[http://www.ceart.udesc.br/revista\\_dapesquisa/volume2/numero2/cenicas](http://www.ceart.udesc.br/revista_dapesquisa/volume2/numero2/cenicas)> Acesso em 18 de junho de 2011.

KING, Homy. Free indirect affect in Cassavetes *Opening Night* and *Faces*. *Câmera Obscura*, volume 16, número 2, 2004, pp. 104-139. Disponível em: <[http://cameraobscura.dukejournals.org/cgi/reprint/19/2\\_56/105](http://cameraobscura.dukejournals.org/cgi/reprint/19/2_56/105)> Acesso em 10 de junho de 2011.

### Documentos Audiovisuais

*Noite de Estreia*, com direção de John Cassavetes, 1977.